

## OS ECOS PLATONICOS EM LAS RUINAS CIRCULARES

MILENA ALVES BORBA<sup>1</sup>; ALINE COELHO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>UFPEL. 1 – mileborba@gmail.com 1

<sup>2</sup>UFPEL. – silva.aline.coelho@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise transtextual<sup>1</sup> do conto *Las ruinas circulares* de Jorge Luis Borges com as obras *Timeu ou Atlântida e Crítias* (2010) e *a Alegoria da Caverna* (2000), de Platão, observando a metatextualidade da narrativa de Borges, entendida como uma intertextualidade aberta, como a define Tiphaine Samoyault<sup>2</sup> (2008).

Tais preceitos serão aliados à concepção da dupla estrutura formal do conto, conforme dispõe Ricardo Piglia em seu ensaio *Tesis sobre el cuento* (1986) no qual um conto sempre narra duas histórias: a primeira contém intrinsecamente uma segunda e esta é a chave formal do conto e das suas variantes, constituindo-se e percebendo-se pelo não dito, pelo que está subentendido e pela alusão à *teoria do iceberg* de Hemingway, ou seja, o conto possui uma narrativa que se mostra à superfície, uma ponta visível que se encontra sobre a água; porém, submersa e quase invisível encontra-se a estrutura de base do iceberg arquitetado por um universo simbólico que nos transmite, retomando SAMOYULT (2008. p. 113), os “ecos indiretos que permitem idealmente retomar o enunciado ao enunciado referencial”. Isto é, não somente a segunda história do conto também remete, na contística borgeana, ao texto de origem, que Borges, cabalista hedônico<sup>3</sup> toma esse ideal para sua estilística, reinterpreta e reconstrói os símbolos tomados do enunciado referencial. Este ideal se articula perfeitamente à última concepção de Piglia sobre a dupla estrutura formal do gênero, no qual o conto constitui-se de tal modo que faz aparecer artificialmente algo que está oculto, reproduz/renova uma experiência única de vida, uma verdade secreta; e nos permite vê-lo. E isto, segundo Piglia, é a iluminação profana que nos possibilita a forma do conto.

A ponta do iceberg do conto em questão narra uma fantástica experiência de um mago que quer criar um homem por meio do sonho guiado por um propósito não impossível, porém místico. O mago queria criar um homem “con integridad minuciosa e imponerlo a la realidad” BORGES (2014. p. 58). Somente depois de um exaustivo trabalho e com a ajuda do deus do Fogo, o mago consegue efetivar sua concepção. Porém, essa gestação leva ao mago atingir a horrenda e humilhante verdade: ele que se considerava real quicá existisse graças ao que outro homem também o tinha sonhado.

---

<sup>1</sup> Genette (1989) define a transtextualidade como as possíveis transcendências textuais de um texto.

<sup>2</sup> Para Samoyault, a intertextualidade “permite ver nos textos, além de seus próprios caracteres, signos do mundo: sem serem diretamente referências, estes remetem ao mundo como generalidade, à história ao social. (...) Na formação do enunciado literário é possível ouvir vozes que vem de outro lugar, **ecos indiretos que permitem idealmente retomar ao enunciado referencial**. SAMOYULT (2008. p. 113). [grifo meu]

<sup>3</sup> Aqui não nos deteremos à possível relação mística de Borges com a Cabala, senão no sentido textual, como aclara Roani: “a cabala é compreendida por Borges como um procedimento de escrita que se debruça sobre os significantes de outro texto, que detém essencialmente as determinações e sentidos que levam ao cabalista a procurar decifrá-lo.” ROANI (2003, p. 27).

A partir dos preceitos arrolados, o presente trabalho visa enveredar-se nesta estrutura submersa em *Las ruinas circulares* para perceber a sustentação deste iceberg. Tal base reverbera os ecos indiretos da origem da forma do conto e a sua ressignificação.

## 2. METODOLOGIA

A leitura de *Las ruinas circulares* nos remete intrinsecamente ao discurso de Platão; no transcorrer desse processo, decifrar os pontos de cruzamento entre as narrativas 1 e 2 parece apenas ter-se tornado possível ao acessar o discurso do filósofo grego, cujos conceitos fundamentam o jogo narrativo desse conto de ficção.

Minha leitura se viu intercalada pela leitura de Borges e de seus hipotextos (A), refletindo como chegavam ao hipertexto(B), em uma relação na qual B deriva de A, mas A não está explicitamente em B, porém B se ressignifica em A. Esse jogo cognitivo fez-me reinterpretar os signos dos hipotextos atribuindo-lhes um novo significado no hipertexto, entenda-se aqui hipertexto como a história dois do conto, ou melhor, como a estrutura simbólica que sustenta a ponta do iceberg (história um). Minha análise não parte da hipertextualidade, já que seria impreciso delimitar um único hipotexto assim como também querer apontar em *Las ruinas circulares* algum tipo de repetição ou mimese, devido a essa obra ser criada em outro contexto histórico/cultural fruto de uma leitura diferente que permite o surgimento de uma obra nova, ou seja, não podemos pensar em hipotexto e hipertexto já que concebemos ambas as obras como primas. GENETTE (1989. p. 9-10) define a transtextualidade como “todo lo que pone al texto en relación, manifiesta o secreta con otros textos”, segundo o autor existem cinco tipos de relações transtextuais, duas delas são hipertextualidade e a metatextualidade, sendo que a primeira trata da relação de hipotexto (A) e hipertexto (B) onde A está em B em uma relação patente/manifesta, onde perceber tal relação transtextual seria evidente para um leitor atento. A segunda relação transtextual citada é a que mais se ajusta na análise da narrativa do conto objeto, já que a “*metatextualidad*, es la relación –generalmente denominada <<comentario>>- que une un texto a otro texto que habla de él sin citarlo (convocarlo), e incluso, en el límite, sin nombrarlo” GENETTE (1989. p.13). Sendo assim, realizar uma análise metatextual de *Las ruinas circulares* é recorrer aos ecos indiretos que remetem a outros enunciados, decifrando ainda que brevemente, os códigos e indícios deixados pelo narrador. Em uma análise metatextual do discurso a memória leitora do leitor participa. Assim, não me conformei somente em encontrar ecos da voz platônica, foi necessário entender o significado dessas vozes e como estas ressignificam o conto de Borges, construindo-se uma nova obra cujo universo se ampliou diante de mim.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A narrativa *Las ruinas circulares* transita entre dois eixos; o primeiro: um mago que quer criar um homem dotado de qualidades semelhantes às de seu criador; o segundo: o mago que põe esse homem no mundo real. Estes eixos remetem sutilmente aos temas abordados na obra *Timeu* e *Crítias*, de Platão: a primeira trata da origem do universo e do Homem e a segunda da constituição social, ou seja, da sua integração no mundo criado. Em *Timeu*, o agente criador do universo; é um deus. Uma vez realizada sua obra retira-se não interferindo mais em sua criação, esse demiurgo “chega a ter emoções: quando se percebe

de que a sua obra estava a tomar o rumo certo, já que representava com bastante verossimilhança o arquétipo, rejubilou e ficou satisfeito” PLATÃO (2010. p. 38) e esse arquétipo é colocado no mundo sensível pelo demiurgo<sup>4</sup>. No conto objeto, há um mago que cria um homem-arquétipo, esse mago é um magistrado que escolhe um aluno para moldar, e colocar no mundo real/sensível. Uma vez observado isto, podemos ressignificar o mago de *Las tuinas circulares*, por meio do significado trazido do demiurgo pelo *Timeu*, isto é, o mago é o demiurgo que escolhe uma matéria pré-cósmica para moldá-la e colocá-la no mundo como o demiurgo de Platão, o mago/demiurgo também sente emoções ao ver que sua obra está concretizando-se [...] “Íntimamente, le dolía apartarse de él. Con el pretexto de la necesidad pedagógica, dilataba cada días las horas dedicadas al sueño. También rehizo el hombro derecho, acaso deficiente. A veces, lo inquietaba una impresión de que ya todo eso había acontecido... [...]” BORGES (2014. p. 62) o demiurgo da contística borgeana será pai como educador e não como princípio da geração.

Logo outra voz platônica ecoa na narrativa do conto em análise, referente à teoria da reminiscência da *Alegoria da Caverna*, na qual esquecemos tudo o que sabemos quando a nossa alma encarna no corpo e passamos a habitar o mundo sensível, assim, conhecer é recordar o que já sabíamos. Em *Las ruinas circulares* é possível considerar esse momento quando o mago percebe que seu filho-arquétipo está pronto para nascer, ir para o mundo sensível, e o beija infundindo-o no esquecimento total de seus anos de aprendizagem, “compredió con cierta amargura que su hijo estaba listo para nacer –y tal vez impaciente. Esa noche lo besó por primera vez [...] le infundió el olvido total de sus años de aprendizaje.” BORGES (2014. p. 62-63)

Em *Timeu e Crítias* aparece pela primeira vez o mito da ilha Atlântida localizada “junto ao estreito que vós chamais Colunas de Hércules [...]” PLATÃO (2010.p.88), onde termina o mar Mediterrâneo e começa o oceano Atlântico. Esta ilha estava dividida em dez áreas circulares, em cada um dos distritos (anéis terrestres ou cinturões) reinavam as monarquias de cada um dos descendentes dos filhos de Clito e Posidão. Quanto à destruição dessa ilha há duas possibilidades, as quais se refere um sacerdote egípcio a Sólon, nos diálogos de *Timeu*, “[...] os corpos que no céu giram à volta da terra sofrem uma variação e, de muito em muito tempo sobrevém a destruição na terra por causa do excesso de fogo [...]” PLATÃO (2010.p.83), a outra possibilidade é uma batalha entre Atenas e Atlântida onde esta em um dia e uma noite afundou no oceano. Em o conto de análise o mago é um forasteiro que provém de algum lugar do Sur e que chega a um recinto circular, uma circunferência que é um templo que foi devorado pelo fogo. Ainda podemos ressignificar a imagem do mago como sendo um demiurgo do Sul, pensemos-lhe como latino-americano, que quando chega ao recinto circular, entendido como a própria Atlântida já que ambas terem arquitetura semelhante e serem destruídas por causa fogo, deste modo, quando o demiurgo latino-americano chega à Atlântida europeia é um forasteiro/estrangeiro.

A análise brevemente exposta evidencia os ecos platônicos em *Las ruinas circulares* e a importância de uma análise transtextual e metatextual da narrativa de Borges. Como é possível perceber, Borges em nenhum momento cita de forma explícita Platão; talvez o que mais se explicita seja a *Alegoria da Caverna* quando o mago beija seu filho para incumbi-lo do esquecimento.

<sup>4</sup> “Muitas são as significações do grego dêmiourós: ‘o que trabalha para o público, artífice, operário manual’. Mas “demiurgo” era também “o criador do mundo>>, <<o primeiro magistrado dos estados do Peloponeso>>. *Dicionário da origem das palavras* (2012).

#### 4. CONCLUSÕES

Ao ler Borges é necessário ter presente seu jogo narrativo, isto é, ler sua narrativa criptograficamente/palimpsesticamente. Não é suficiente ficarmos com a história um do conto, pois se quisermos atingir a iluminação profana que este nos possibilita devemos entender-lhe não como um mero objeto verbal, senão como um objeto que deve ser interpretado e que somente por meio dessa atividade nasce seu sentido, na raiz de sua leitura dos textos sagrados. Diante do exposto, reiteramos que a transtextualidade parece ser uma característica inerente a qualquer texto literário e que, na contística borgeana, a transcendência textual deve ser analisada pela ótica metatextual vista como intertextualidade aberta – já que somente assim poderemos ressignificar sua narrativa, captando a relação silenciosa dos ecos indiretos das vozes platônicas. Visto isto, fica evidente que Borges não considera seus leitores como meros destinatários passivos, senão como participantes ativos na elaboração do sentido da sua narrativa, eis onde radica a sublime importância de lê-lo meta-reflexivamente.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORGES, J. L. Las ruinas circulares. In: \_\_\_\_\_. **Ficciones**. 6 ed. Debolsillo: Barcelona, 2014. p. 55-64.
- BORGES, J. L. El golem. In: \_\_\_\_\_. **O outro, o mesmo**. Tradução Heloísa Hahn. [edição bilíngue]. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 72-79.
- BORGES, J. L. Una brújula. In: \_\_\_\_\_. **O outro, o mesmo**. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 52-53.
- BORGES, J. L. Uma vindicação da Cabala. In: \_\_\_\_\_. **Discussão**. Trad. Josely Vianna Batista. São Paulo: Cia das Letras, 2008.
- NEVES, Orlando. **Dicionário da origem das palavras**. Leya: s/l., 2012. Disponível em: [http://books.google.com.br/books/about/Dicion%C3%A1rio\\_da\\_origem\\_das\\_palavras.html?id=tUB4efBUyikC&redir\\_esc=y](http://books.google.com.br/books/about/Dicion%C3%A1rio_da_origem_das_palavras.html?id=tUB4efBUyikC&redir_esc=y).
- GENETTE, G. **Palimpsestos**: la literatura en segundo grado. Trad. Cecilia Fernández Prieto. Tarus Ediciones, 1989.
- HAHN, O. **El motivo del Golen em “Las ruinas Circulares” de J. L. BORGES**. Revista chilena de literatura. 4 ed. (1971), p. 103-108.
- PIGLIA, R. Tesis sobre el cuento. In: \_\_\_\_\_. **Formas breves**. Anagrama: Buenos Aires, 1986.
- PLATÃO. **Timeu-Crítia**. Trad. Rodolfo Lopes. 1. ed. Coimbra: POCL, 2010.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 2000.
- ROANI, R. **Literatura e Judaísmo**: O Rosto Judeu de Borges. Porto Alegre: UFRGS: 2003.